**A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO HISTÓRICO**

Lucinete Alexandre Alves Bandeira

Graduanda da Faculdade São Francisco da Paraíba

Email: lucinetebandeira2017@gmail.com

Alda Larissa de Sá Thomaz

Graduanda da Faculdade São Francisco da Paraíba

Email: aldalarissa16@gmail.com

Irla Maria Batista

Graduanda da Faculdade São Francisco da Paraíba

Email: irla200.im@hotmail.com

**Resumo**

O presente artigo tem o objetivo de refletir acerca do contexto histórico da infância e da Educação Infantil no Brasil, bem como analisar as práticas referentes à organização do tempo e do espaço nas instituições destinadas ao cuidado e educação de crianças de zero a seis anos de idade. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica em torno do tema, como forma de se obter maior ênfase na discussão atual da temática em meio à realidade que se tem vivenciado. Desse modo, discutimos sobre as diferentes concepções de infância e criança que permeiam o ambiente escolar. Entendemos que somado a este contexto, a postura pedagógica de educadores (as), bem como da própria escola, vem contribuindo para perpetuar diferenciações hierarquizantes entre crianças. Para tanto, há indícios de que a desigualdade social está inteiramente relacionada, apesar dos avanços obtidos na educação infantil, pois, percebemos que muito precisa ser feito para diminuir a distância entre a legislação e a realidade. O trabalho nos possibilita refletir a visão da criança como indivíduo e como era sua educação nos primórdios da história, com a finalidade de refletir a respeito do contexto histórico da educação infantil e o surgimento das politicas publicas na educação infantil.

**Palavras Chave:** Educação Infantil. Infância. Formação de Professores.

**Introdução**

O presente artigo tem o objetivo de refletir acerca do contexto histórico da infância e da Educação Infantil no Brasil, bem como analisar as práticas referentes à organização do tempo e do espaço nas instituições destinadas ao cuidado e educação de crianças de zero a seis anos de idade.

Mediante o objetivo almejado para este artigo, foi feito uma pesquisa bibliográfica em torno do tema, como forma de se obter maior ênfase na discussão atual da temática em meio à realidade que se tem vivenciado. A pesquisa bibliográfica é “aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno” (GONÇALVES, 2001, p.65).

**A infância na história**

A visão da criança no passado era totalmente diferente nos dias de hoje, pois essas eram todas como adultos em miniaturas. Ao estudar a infância e a educação, vamos perceber as transformações ocorridas com o passar dos tempos. A infância é a fase em que a criança se desenvolve e começa a observar, ouvir, sentir, etc. Mas, antigamente não possuíam o reconhecimento de criança relacionado à infância, e sim como indivíduo.

As crianças são importantes e sem importância; espera-se delas que se comportem como crianças mas são criticadas nas suas infantilidades; é suposto que brinquem absorvidamente quando se lhes diz para brincar, mas não pensam em parar de brincar quando se lhes diz para parar; espera-se que sejam dependentes quando os adultos preferem a dependência , mas deseja-se que tenham um comportamento autônomo, deseja-se que pensem por si próprias , mas são criticadas pelas suas “ soluções” originais para os problemas”. (AT.IN POLLARD, 1985, p.39)

A história nos mostra várias concepções de infâncias. Sendo a mãe responsável pela educação destes. Ao nascer, mal adquiririam alguns embaraços físicos e já passavam a viver entre os adultos, observando e reproduzindo o que via, como: a forma que trabalhavam, caçavam etc, tendo em vista que a infância só tinha um olhar especial quando nascia, e a única diferença entre os adultos após andar era somente no tamanho e na força e, dessa forma, não era possibilitada à criança ter sentimentos entre pais e filhos. Na educação pessoas de todas as faixas etárias frequentam a mesma sala de aula e recebiam o mesmo ensinamento.

Se isso vale algumas circunstâncias, especialmente no que tange a dependência física, no que toca a dependência econômica, a variação é a regra. Como exemplo disso é importante lembrar o papel econômico das crianças catadoras de papel junto às suas famílias (FREITAS, 2007, p.90).

Tal afirmação torna-se paradoxal na medida em que a construção social da infância não estabelece os mesmos caminhos de história para todas as crianças.

De um ser sem importância a criança passa a ser um individuo de grande importância na sociedade, após a idade moderna, com a Revolução Industrial, o Iluminismo e a Constituição de Estados laicos. Mas houve um longo período ainda onde só as crianças que tinham posse (ricas), tinham o direito à escola, ou seja, era tratada melhor do que a criança pobre. Neste contexto que surge o pedagogo, que por sua vez, era o escravo que levava as crianças à escola.

Segundo Fraboni “a etapa histórica que estamos vivendo, fortemente marcada pela “transformação”, tecnológica-cientifica e pela mudança, ética-social, cumpre todos os requisitos para tornar efetiva a conquista do salto na educação da criança, legitimando, e finalmente como figura social, como sujeito de direitos enquanto sujeito social”. (1998, p.68)

**Educação infantil no Brasil: da assistência ao elemento educativo**

No Brasil, a efervescência das ideias pedagógicas modernas advindas dos países ditos de primeiro mundo, durante os finais do século XIX e inicio do século XX, fez com que médicos, juristas, intelectuais e religiosas voltassem seus olhares sobre a infância brasileira particularmente, a infância pobre. Com o ideal de modernizar o país nos moldes europeus, a infância foi vista como um dos principais focos de atenção.

A educação só teve inicio no século XX. Durante várias décadas houve diversas transformações como: a pré-escola que não tinha caráter formal, não havia qualificados e a mão de obra necessária para o trabalho era, na maioria das vezes, feita por voluntários. Com a constituição de 1988, a criança passou a ser vista como sujeito de direitos, então a educação infantil foi incluída no sistema educacional.

O termo “educação infantil” no sistema educacional brasileiro é novo, foi criado para separar as etapas de ensino da educação básica esta, responsável pela educação das crianças de zero a cinco anos. Assim, a educação infantil passa a basear-se em diferentes áreas de conhecimentos, como as áreas da saúde, do direito, do trabalho da sociologia, da história, da antropologia e das ciências humanas e sociais incluindo a demografia, a arquitetura, as artes, as letras, o serviço social, a linguística, a educação física e a área educacional, as quais também tem intervenção (ROCHA, 1999). Um fator importante é a diferença entre os termos crianças e infância. Na compreensão de Kuhlman Junior (1998) a criança é um ser que participa de relações sociais.

No Brasil, especialmente após a Constituição de 1988, designa-se a Educação Infantil como o nível educacional que antecede o ensino fundamental (de 7 a 14 anos), e que se dá em creches (0 a 3 anos) e pré-escolas (4 a 5 anos). Também a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/1996) estabelece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica do sistema educacional brasileiro.

Com efeito, crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social. A “[...] Infância, como categoria social que assinala os elementos de homogeneidade deste grupo minoritário, e as crianças, como referentes empíricos cujo conhecimento exige a atenção aos fatores de diferenciação e heterogeneidade [...]”. (SARMENTO, 1997 apud BARBOSA, 2006, p.73).

Portanto a criança, ao se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente dependendo da estrutura e existente a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que dividem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros adultos e crianças.

**A formação do profissional para atuar na Educação Infantil**

Nessa perspectiva, em um período anterior ao nosso, o professor era aquele que transmitia e ensinava um conhecimento, estando, por isso, em uma “posição privilegiada” em relação aos seus alunos, o que estabelecia uma determinada hierarquia entre eles: o aluno era o aprendiz, ouvia tudo, aprendia e mecanicamente copiava. Enquanto o professor era o mestre, o qual falava e ensinava tudo, sendo apenas um executor de sua função, desse modo, a formação inicial também é o ponto de partida de um longo percurso de aprendizagem profissional que não pode encerrar-se ao termino do curso de graduação, com a obtenção do diploma, deve estender-se por uma trajetória longa e de intenso estudo.

Por conta disso, ressaltamos a importância da investigação da formação do professor (inicial e continuada) sob a perspectiva de valorização da auto formação e da reelaboração dos saberes profissionais pela prática vivenciada.

Ensinar é fazer parte de um sistema e trabalhar em diversos níveis. Durante muito tempo, a cultura individualista dos professores incitou-os a considerar que seu ambiente começava na porta de sua sala de aula. Todavia, a complexidade atual obriga a tratá-los como membros de um grupo com um papel coletivo e a questionar seus hábitos e suas competências no espaço propriamente pedagógico e didático. A organização de escolaridade em ciclos de aprendizagem e a emergência de outros dispositivos que enfraquecem o esquema fechado da classe também sugerem que o espaço didático e pedagógico é mais vasto que a face entre um professor e seus alunos (PERRENOUD, 1999, p. 6).

O período da infância é uma das principais etapas, onde os professores precisam de subsídios teóricos para intervir no processo ensino-aprendizagem, mantendo um momento de equilíbrio entre as atividades cotidianas.

No tempo em que a criança passa na instituição devem ser ofertadas situações inovadoras e desafiadoras, que permitam oportunidades diferentes para que cada criança explore, adequadamente, um novo meio ou brincadeiras. É pelo brincar que as crianças expressam sentimentos, aprendem valores e a se socializarem com o outro, além de proporcionar condições para aprendizagens incidentais, pois o tempo institucional é diferente do tempo perceptível da criança, dessa forma uma das estratégias que o professor pode utilizar é a construção do brinquedo, por ser um objeto que a criança manipula livremente sem estar condicionado às regras ou princípios de outra natureza. Nesse momento, a ludicidade desencadeia a criatividade e a imaginação.

Ao planejar, o professor deve estar atento para não transformar as atividades lúdicas em um caráter apenas instrumental, ou seja, utilizar esse momento de explorar e conhecer o mundo como reforço às normativas e regras sociais, dentre outras. Sendo assim, por meio de atividades lúdicas, é possível fazer com que a criança atribua significados e sentidos ao seu mundo real.

A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. Porém, as crianças brincam, continua e obrigadamente [...] contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas serias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais serio. (SARMENTO,1997,P.12)

Toda criança precisa, independente da cultura ou classe social, estar em contato com o brincar. A brincadeira é a essência, uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, bem como com os outros e com o mundo. É no ato de brincar que a criança estabelece diferentes vínculos entre as características do papel assumindo, as relações que possuem outros papéis. O brincar na educação infantil é fundamentalmente significante na vida das crianças, não requer só muitas aprendizagens, mas construir um espaço de aprendizagem.

**A organização do tempo e espaço na Educação Infantil**

A rotina das crianças nas escolas é de suma importância, possibilitando segurança e domínio do espaço e tempo que passam na mesma, desta forma, a rotina deve ser pensada e organizada a partir de planejamentos feitos com toda equipe escolar.

Assim como o tempo, o espaço também deve ser organizado com intuito de promover sempre o desenvolvimento integral da criança, que é um objetivo na educação infantil. Maria da Graça Souza Horn afirma que:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi à pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004, p. 15).

É relevante que a criança necessita de um ambiente favorável e motivador para melhor crescimento e desenvolvimento na educação infantil. Para que isso aconteça e contribua, é necessário um espaço adequado, formação docente adequada e matérias disponíveis. Entende-se que uma boa formação para as crianças precisa de uma série de elementos para que ocorra o total desenvolvimento de maneira interessante, dinâmica e ativa. É papel do educador estar sempre organizando o espaço e tempo das escolas na educação infantil com intuito de proporcionar a aprendizagem dos pequenos.

Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn pesquisam a organização do espaço e do tempo na escola infantil e afirmam:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Segundo as pesquisadoras, para trabalhar as atividades no tempo das escolas na educação infantil, são necessários organização e momentos diferentes, que devem ser organizados de acordo com as dificuldades e necessidades, psicológicas, biológicas, históricas e sócias das crianças. Nesse sentido, a organização do tempo nas creches e pré-escolas deve considerar as necessidades relacionadas ao repouso, alimentação, higiene de cada criança, levando-se em conta sua faixa etária, suas características pessoais, sua cultura e estilo de vida que traz de casa para a escola (BARBOSA; HORN, 2001).

Para finalizar sobre a organização do tempo e do espaço nas escolas, vejamos a fala que expressa à opinião da arquiteta Ana Beatriz Goulart de Faria (entrevistada por Paulo de Camargo).

Os espaços de nossa infância nos marcam profundamente. Sejam eles berço, casa, rua, praça, creche, escola, cidade, país, sejam eles bonitos ou feios, confortáveis ou não, o fato é que influenciam definitivamente nossa maneira de vermos o mundo e de nos relacionarmos com ele. (CAMARGO, 2008, p. 45).

As experiências vivenciadas na infância são essenciais para nosso desenvolvimento e também a base para o adulto que a criança irá se tornar. Portanto, é de grande relevância que o tempo e espaço estejam organizados mediante às especificidades da instituição, dos alunos e do corpo docente responsável por estes.

**Considerações Finais**

Desse modo, ao final desse trabalho compreendemos que a visão da criança no passado era totalmente diferente dos dias de hoje, pois as crianças eram tidas como adultos em miniaturas. Ao estudar a infância e a educação percebemos os grandes avanços e transformações ocorridas com o passar do tempo.

A educação no Brasil só teve inicio no século XX. Durante várias décadas houve diversas mudanças no processo ensino/aprendizagem na educação infantil como: pré-escola que não tinha caráter formal, e não havia qualificação dos profissionais responsáveis pelo ensino.

Nessa perspectiva, em um período anterior ao nosso, o professor era aquele que transmitia e ensinava um conhecimento, era tido como o dono do saber, e os alunos, por sua vez só reproduziam o ensino mecanizado e decoreba.

Portanto, a rotina das crianças nas escolas é de suma importância, pois neste espaço elas passam a conviver com outras pessoas, cada um trazendo sua história, cultura e vivencia pessoal. Nesse sentido, tendo o professor como mediador o ambiente se tornará um momento não só de ensino/aprendizado, mas, também, de muita interação entre aluno/aluno, professor/aluno e aluno/conteúdo.

**Referências**

ARIES, Philipe. **Historia Social da criança e da família**, Rio de Janeiro Zahar, 1978.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. Educação Infantil. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Artg. 205-214. Diário oficial[da] republica federativa do Brasil, Brasilia,1988.

CAMARGO, P. Desencontros entre Arquitetura e Pedagogia. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano VI, n. 18, p. 44-47, nov. 2008.

FREITAS, Marcos Cezar de. “A criança pobre e suas desvantagens: o pensamento social no mundo dos apetrechos”. Ir: Souza, Crisele de (org.) **A criança em perspectiva:** o olhar do mundo sobre o tempo infância. São Paulo: Cortez,2007.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação a pesquisa científica**. ed. Alínea: Campinas, 2001.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUHLMANN JR, M. A Circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil inicio do século XX. In . Freitas, M. C, KUHLMANN JR, M. (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.p. 459-501.

MOREIRA, J. A. S.; **Politicas publicas para a educação infantil no Brasil (1990-2001).** Maninga: Eduem 2012.

SARMENTO, Manuel jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In; **As crianças:** contextos e identidades. SARMENTO, Manuel Jacinto e Pinto, Manuel (coord,). Braga: Universidade do Minho-Centro de Estudos da Criança, 1997.